

# Assimetrias linguísticas entre Latim e Português: uma breve demonstração a partir da poética de Públio Virgílio Maro (1784)

*Ariel Montes Lima*

Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

[gabrielfelipe0308@gmail.com](mailto:gabrielfelipe0308@gmail.com)

---

## Resumo

O presente artigo busca analisar as assimetrias linguísticas entre o Latim e o português a partir de uma análise comparativa. Para tanto, recorreremos à Écloga Primeira do livro *Bucólicas*, escrito pelo poeta mantuano Públio Virgílio Maro. Como fonte primária, temos a edição de 1784, realizada por Andrew Foulis –ex-editione de Petrus Burmannus-. Nossa pesquisa, portanto, foi documental. Objetivamos demonstrar os distanciamentos escavados entre a língua latina e o português a partir de uma perspectiva tipológica. Ao cabo, pudemos averiguar o aspecto majoritariamente sintético do latim frente ao português.

**Palavras-chave:** Tipologia Linguística. Filologia Românica. Etnolinguística. Relativismo Linguístico.

## Linguistic asymmetry between Latin and Portuguese: a brief demonstration based on the poetics of Publius Virgil Maronis (1784)

### Abstract

This article seeks to analyze the linguistic asymmetries between Latin and Portuguese from a comparative analysis. For that, we resorted to the First Eclogue of the book *Bucólicas*, written by the Mantuan poet Públio Virgílio Maro. As a primary source, we have the 1784 edition by Andrew Foulis –ex-editione de Petrus Burmannus-. Our research, therefore, was documentary. We aim to demonstrate the distances excavated between the Latin language and Portuguese from a typological perspective. In the end, we were able to ascertain the mostly synthetic aspect of Latin compared to Portuguese.

**Keywords:** Linguistic Typology. Roman Philology. Ethnolinguistics. Linguistic Relativism.

---

## INTRODUÇÃO

Frequentemente, quando diante dos estudos filológicos escritos em língua portuguesa, nos deparamos com uma ampla variedade de textos descritivos. Isto é, nos encontramos em um determinado ponto do fazer científico no qual ainda não há amplo acesso aos textos de outras épocas em sua versão digital (fac-similada ou semidiplomática). Desse modo, cumpre ao filólogo ainda trazer à luz semelhantes textos, muitas vezes com vistas à sua preparação

editorial para estudos vindouros. Spina (1977), inclusive, coloca essa como a *função substantiva* da filologia. Nessa perspectiva, podemos ainda sublinhar os recentes trabalhos de Gazziero Tomazi (2022), Leite (2022), Lima (2018a) e Andrade (2010), cujos escritos, em resumo, abordam duas esferas textuais: a história e o texto (em seu aspecto telúrico).

Ademais, ocorre também uma frequente busca pela realização científica baseada em uma visão demasiado linear da língua, considerando suas evoluções apenas a nível material, como é evidente em Cambraia (2005), Spina (1977) e Basseto (2001). Isso porque a visão canônica da Filologia brasileira tem por bases os textos acima mencionados; cânone esse cuja releitura tem sido carente de potência. Desse modo, uma sequência de trabalhos similares em sua abordagem tem sido escrita com semelhante embasamento.

Quando nos detemos sobre os estudos da língua latina em terras brasileiras, tal situação se agrava, uma vez que uma porção significativa do material escrito dentro de semelhante escopo desconsidera a visão linguística do tema, enfatizando apenas o viés gramatical do idioma (LIMA, 2018b). Isso quando os textos latinos e a língua latina são estudados dentro dos cursos de letras, dada a situação de contínua retração dos estudos latinos nas universidades brasileiras.

Assim sendo, o presente trabalho busca evidenciar a riqueza de possibilidades de estudo dentro das línguas clássicas a partir do ponto de vista linguístico. Para tanto, objetivamos analisar a *Écloga Prima*, do livro *Bucólica*, atribuído ao poeta mantuano Públio Virgílio Maro, pelo viés da tipologia textual e da etnolinguística.

Nossa análise se fundamenta no fato de que, além dos já citados senões da filologia brasileira, a etnolinguística moderna e contemporânea tem seguido por um viés analítico sincrônico, considerando apenas as línguas em seu momento presente. Esse processo se inicia com Saussure (2012) e ganha força com estudos de carácter multidimensional, como os de Sapir (1980, 1954 e 1929) e Whorf (1978), que lançam as bases da Teoria do Relativismo Linguístico.

Tal *modus pensandi*, deve-se citar também, foi um dos aspectos que levaria as correntes linguísticas mais jovens, como o Gerativismo e o Funcionalismo, a se distanciarem da visão histórica do idioma e suas sucessivas transformações. Diante disso, almejamos realizar a referida leitura do texto em questão buscando não reconstruir o texto, interpretá-lo ou reconstituir o modo de vida do tempo e da comunidade em que ele foi escrito, mas contrastar a forma da expressão possibilitada pela língua em contraste com o português.

Para a realização de semelhante labor, apresentaremos a versão fac-similada do texto extraído da edição de Andrew Foulis (ex-editione de Petrus Burmannus) em latim, de 1784. Sublinhamos ter havido interferência do editor em tal texto: algo que visou, sobretudo, aclarar

a leitura ao público, uma vez que adicionou pontuações e separações entre palavras; algo ausente na escrita romana (ACIOLI, 1994; HIGOUNET, 2003).

### **A ETNOLINGUÍSTICA PELA PERSPECTIVA DIACRÔNICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O RELATIVISMO LINGUÍSTICO**

O Relativismo Linguístico é uma corrente de pensamento amplamente discutida e, ao menos por ora, não completamente demonstrada tanto em negativo quanto positivamente. Sua origem não é exata, sendo a ideia de que a língua como epítome de uma representação do real já se fazia presente nos textos de Humboldt (1972) e Wittgenstein (1994).

Somente com os textos de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, porém, que a ideia ganha o *status* de hipótese, gerando posteriormente uma cisão entre o que seria o Relativismo Forte e o Relativismo Fraco. Nesse sentido, divergem os teóricos, sobretudo, a respeito de dois pontos:

1. A intensidade da influência da língua na construção do pensamento;
2. Como demonstrar, em termos pragmáticos, as influências da língua e da cultura no pensamento.

A respeito do segundo tema, Jarvis e Pavlenko (2010) determinam alguns possíveis caminhos para estabelecermos as diferenças na forma como o mundo é pensado em distintas línguas; a saber: objetos, emoções, pessoa, gênero, número, tempo, espaço e movimento.

Nesse caminho, podemos perceber ainda que outros fatores são dignos de menção, como o fato de existirem palavras cuja tradução é impossível a outros idiomas, uma vez que refletem conceitos e/ou realidades específicas daquela cultura na qual a língua é falada. A palavra “saúde” é um grande exemplo desse fato.

Porém, ainda há outras formas cuja tradução é possível, mas não dentro do estatuto de palavra estabelecido por aquela língua. Isso acontece em grande número em línguas tipologicamente distintas. Por exemplo, a palavra de Nunavut Inuktitut central:

*tusaatsiarunnannngittualuujunga*  
Eu não posso ouvir muito bem

pode ser traduzida, mas, ao se realizar a tradução, seus segmentos são dispostos de acordo com outra organização idiomática.

Nesse ínterim, também podemos destacar que a língua sofre diferenciações ao longo de sua história, responsáveis por promover, inclusive, câmbios profundos no significado de determinados termos (FARACO, 1998). Nesse sentido, o estudo diacrônico das línguas não

significa, também, uma mera busca por seus vínculos genéticos, nem tampouco por uma reconstrução de seu período.

Ao contrário, o estudo crítico e aprofundado das línguas do passado enquanto sistemas de pensamento é *a posteriori* em relação a tal conhecimento. É dizer, os elementos estilísticos, as representações culturais subjacentes e as idiossincrasias do próprio sistema da língua somente se apresentam com clareza depois de conhecidas as relações primeiras que forjaram tal idioma nos moldes que recolhemos.

## A TIPOLOGIA DO LATIM E DO PORTUGUÊS

Em termos tipológicos, podemos aferir que diferentes formas de organização idiomática oferecem particularidades na maneira como os falantes de tal língua representam o mundo (FERREIRA; MOZZILO, 2021). Isso, contudo, não se limita somente às nomenclaturas e representações. Pelo contrário, a organização do pensamento tem lugar primordial nessa perspectiva. Por exemplo: o latim, objeto principal do nosso estudo, possui seis casos;

1. Nominativo - demarca o sujeito da frase. Exemplo: "*puer scribit*" (o menino escreve).
2. Genitivo – demarca a posse. Exemplo: "*liber patris*" (o livro do pai).
3. Dativo – indica o objeto indireto do verbo. Exemplo: "*puer magistro librum dat*" (o menino dá um livro ao mestre).
4. Acusativo - indica o objeto direto do verbo. Exemplo: "*puer librum legit*" (o menino lê o livro).
5. Ablativo - possui diferentes funções. Pode demarcar: modo, causa, instrumento, lugar, tempo e outros. Exemplo: "*puer cum magistro in schola discit*" (o menino aprende com o mestre na escola).
6. Vocativo – demarca o chamado a alguém ou alguma coisa. Exemplo: "*ave, Caesar*" (salve, César).

Assim, podemos utilizar, por exemplo, o ablativo instrumental para evidenciar o meio pelo qual uma ação se desenvolveu, como em:

*Magistra baculo discipulam pulsat.*  
A professora bate na aluna com a vara.

Ademais, o latim possui quatro conjugações, seis tempos e três modos verbais (ALMEIDA, 2005). Fora isso, pode ser classificado como uma língua flexiva, na qual “os morfemas são representados por afixos. Há, nesse caso, uma dificuldade de identificar

precisamente as diferentes partes dos afixos” (DALLA PRIA, 2006, p. 116). Além disso, o latim possui ordem frasal variável, podendo ser intercambiadas as formas SVO e SOB (idem).

A respeito do português, o podemos classificar também como flexional, recebendo a língua flexões verbais e nominais, sem demarcação de caso. O primeiro, diferente do latim, tem três conjugações verbais e tem como ordem canônica da frase a forma SVO (idem ibidem).

### **APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*- FAC-SÍMILE DA *ÉCLOGA PRIMEIRA***

Nessa seção, apresentam-se os fac-símiles da *Ecloga Prima*. As fotografias foram adquiridas a partir do fac-símile digital do livro editado em 1784, por Andrew Foulis, em Glasgow, Escócia. A edição foi feita com base no trabalho atribuído ao holandês Petrus Burmannus.

Tal poema apresenta um diálogo entre os pastores *Tityrus* e *Meliboeus*, figuras idílicas situadas no *locus amoenus*. A miúdo, o poeta canta a respeito da vida no campo, da tranquilidade e do ofício estético da poesia. Nesse sentido,

Enquanto Melibeu se indigna com a tranquilidade em que depara ao ver Títiro – numa, aliás, cena emblematicamente de locus amoenus em seus componentes –, na medida em que o primeiro se encontra sendo desterrado de seus campos de pastoreio, o segundo, por outro lado, encontra-se em pleno sossego que logo começa a justificar com suave paciência. (SOUZA, 2019, p. 51-52).

Semelhante texto representa ainda uma das mais emblemáticas élogas do poeta, sendo, talvez, a mais representativa dentro da poesia pastoril escrita durante o período da Era de Ouro Romana.

Outrossim, evidenciamos não ter havido necessidade de transcrição do texto, por não se tratar de um manuscrito, mas sim de uma edição tipografada.

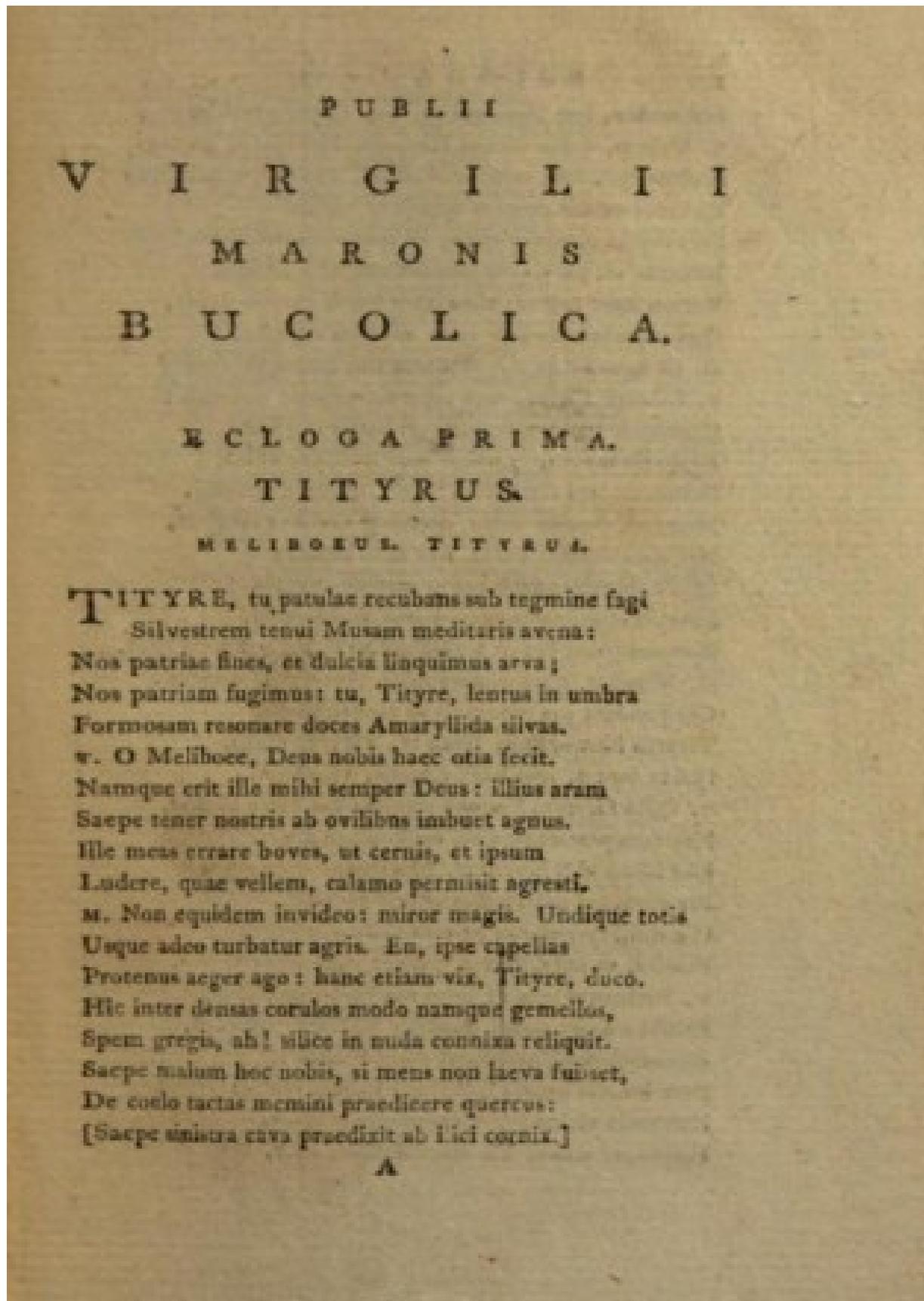


Figura 01

Fonte: fotografia da autora a partir da versão escaneada.

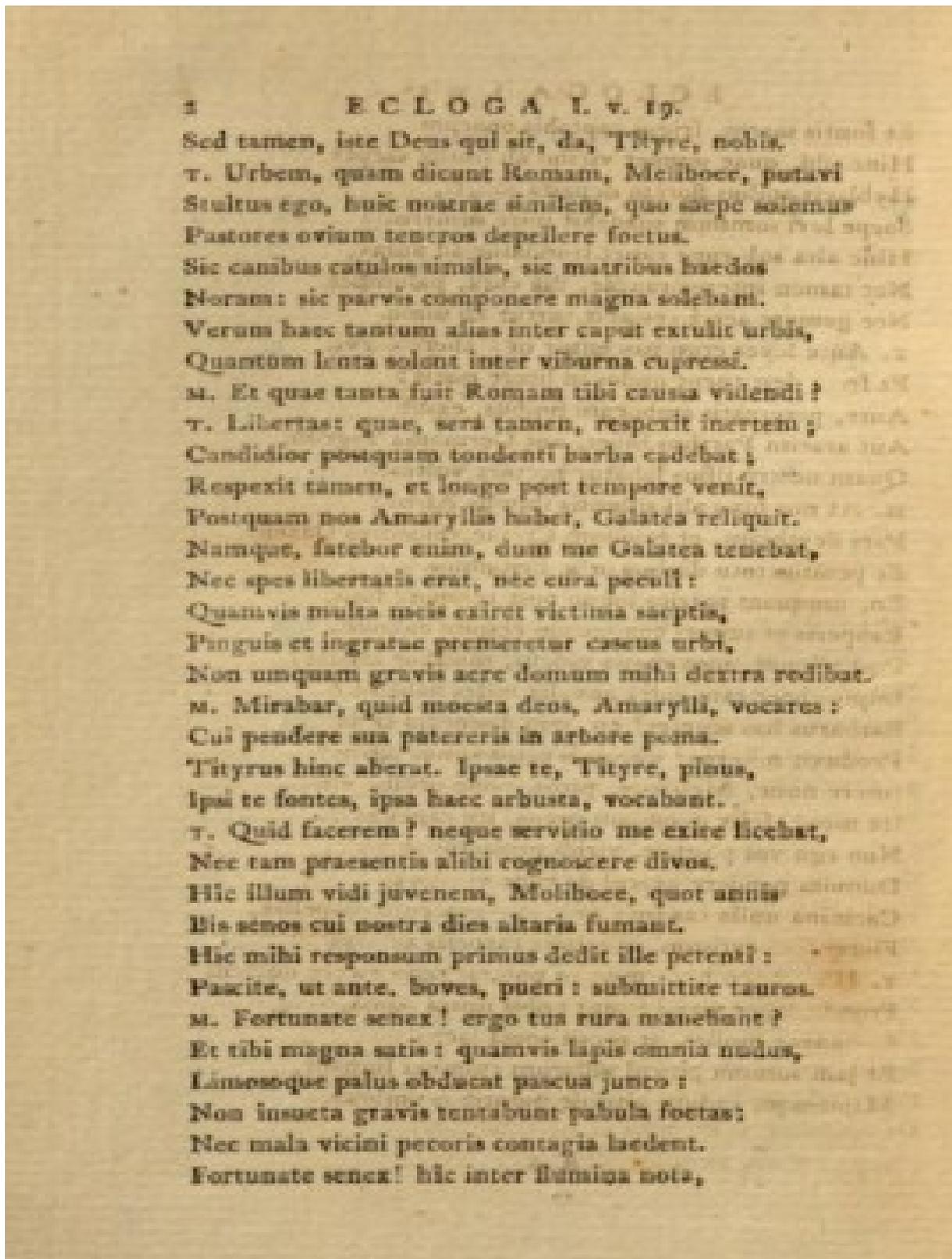


Figura 02

Fonte: fotografia da autora a partir da versão escaneada.

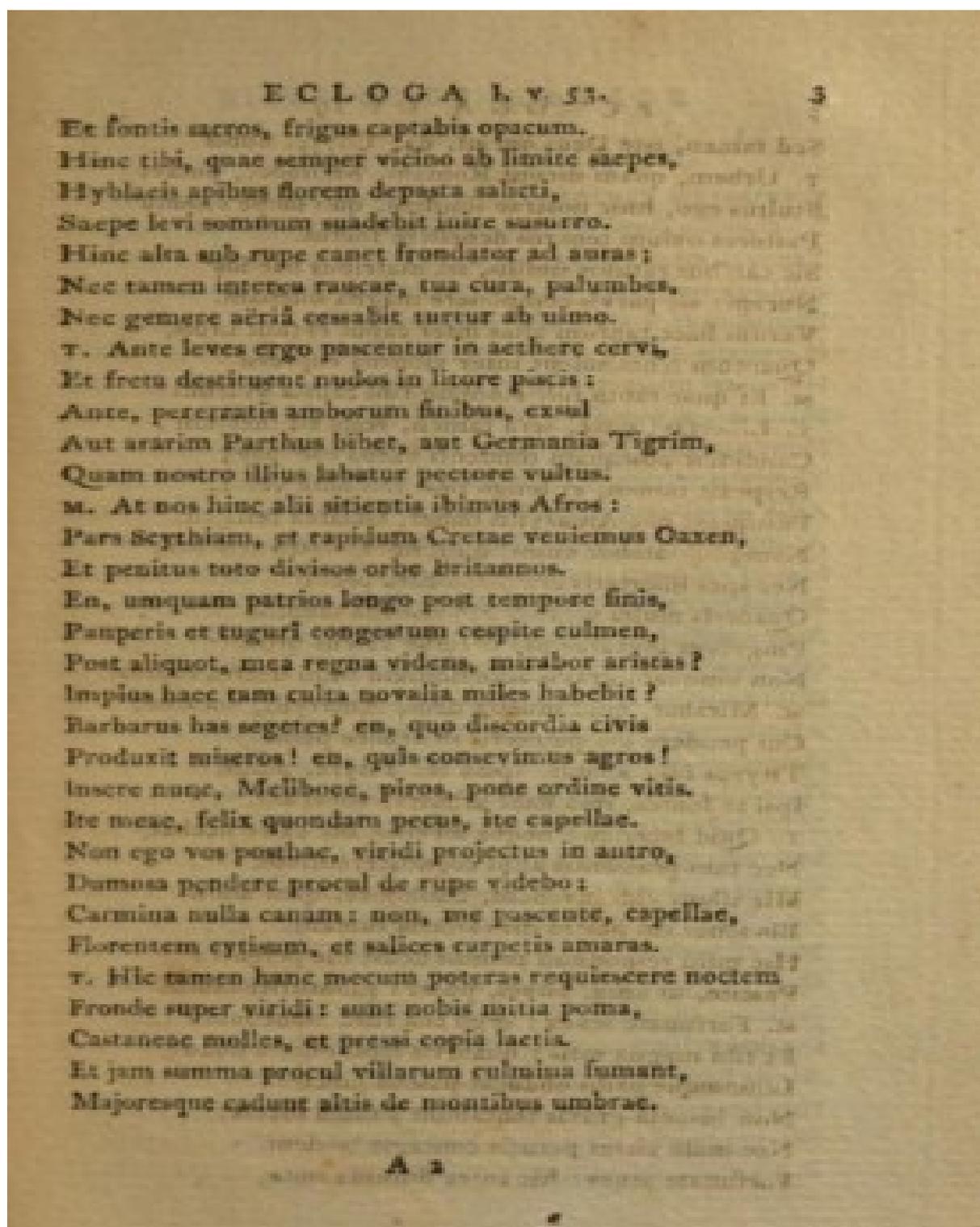
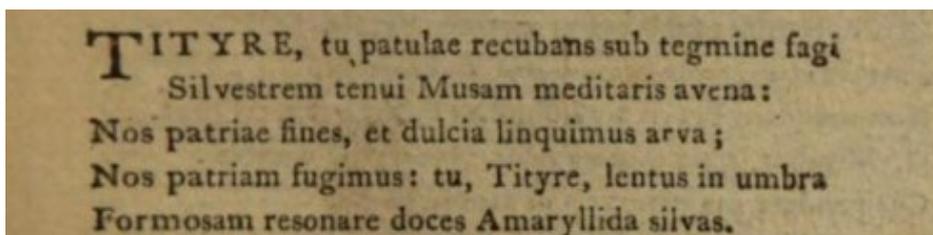


Figura 03

Fonte: fotografia da autora a partir da versão escaneada.

## ANÁLISE

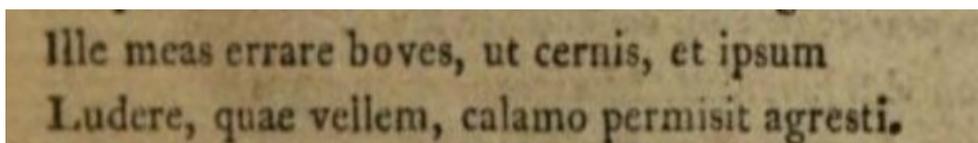
O primeiro fragmento do poema abarca seus cinco primeiros versos. Esse corresponde à fala do pastor *Meliboeus*:



O texto começa com o nome *Tityrus*, pertencente à classe das palavras de 2º declinação, em sua forma vocativa com desinência *-e*. Em seguida, o poeta emprega o verbo *recubare* (deitar-se) em sua forma indicativa presente. Sobre isso, já é possível percebermos o distanciamento pragmático no emprego da forma verbal. Isto é, em latim, fica evidente o sentido de proximidade da ação experimentada por *Tityrus*. A personagem está deitada e isso é destacado pelo emprego do presente.

Todavia, em português, na contemporaneidade, o presente do indicativo agrega sobre si a função de exprimir ações habitualmente realizadas por um sujeito (CUNHA, CINTRA, 2013; CEGALLA, 2009).

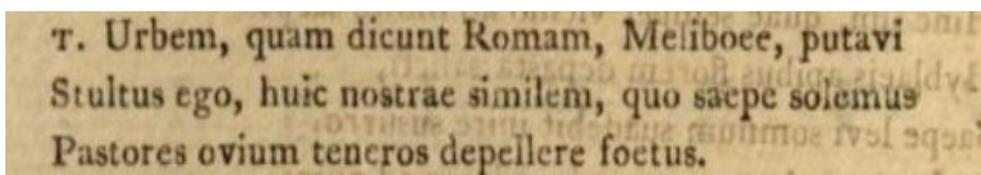
Mais adiante, nos v. 09-10, encontramos a fala de *Tityrus*:



Nessa passagem, a liberdade criativa do poeta atinge um grau bastante elevado, uma vez que a estrutura linguística do latim, enquanto língua flexional, permite maior liberdade de ordenamento frasal. Aqui, o substantivo *boves*, embora esteja no primeiro verso, se encontra regido por uma perífrase *permisit errare*, ao tempo que a perífrase se encontra regida pelo pronome *ille*. Assim, em uma ordem mais clara, a sentença seria *ille permisit errare meas boves*.

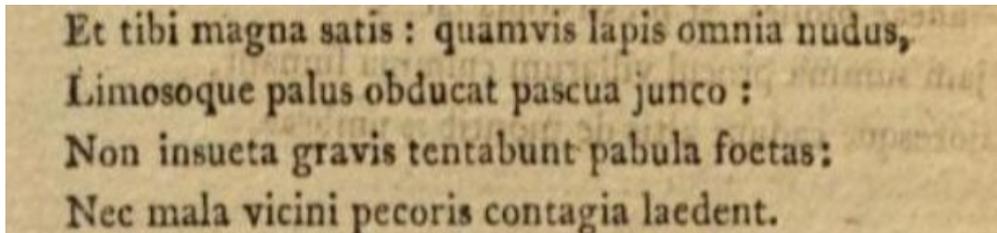
Ao meio da oração, contudo, existe um aposto que introduz o próprio pastor dentro de sua fala. Nesse ponto, os termos *ut cernis*, projeta a visão do interlocutor para com *Meliboeus*. É dizer, o pastor confronta o outro para dizer que Meliboeus via com clareza sua tranquilidade –dádiva de deus-. Já o termo *et ipsum ludere, quae vellem, calamo \_\_\_agresti* representa a própria situação de liberdade vivida por *Tityrus* aqui, pois, o termo *calamo* é um ablativo de instrumento. Isto é, que ele poderia tocar sua flauta (feita em cálamo) como preferisse.

Já no espaço dos v. 20-22 encontramos outro recorte do pastor *Tityrus*



Aqui, a personagem compara Roma –a capital- com sua cidade, para onde soíam levar suas ovelhas. Contudo, o verbo *dicere* requisita um acusativo, ao passo que se agregaram, para tanto, as desinências *-em* e *-m* em *urbem, quam, Romam, similem*. O nome de seu interlocutor também se encontra declinado em um vocativo, com a adjunção de um *-e* ao fim da palavra.

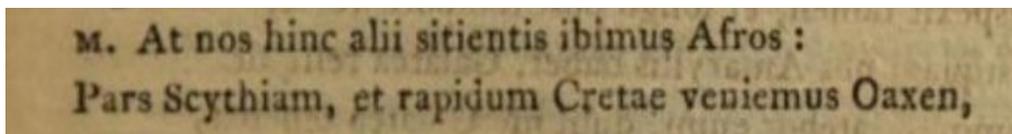
Nos v. 47-50, vemos a fala de *Meliboeus*:



Essa sentença não pode ser traduzida *ipsis litteris*, ao passo que a forma *tibi* tem viés dêítico. É dizer; se refere a um interlocutor que, fora do contexto específico, não possui sentido próprio. Além disso, essa é uma forma de pronome dativo (de objeto indireto), cuja representação em português necessita uma preposição.

Ademais, o termo *limosoque* é formado por uma justaposição da partícula *-que*. Essa substitui o conectivo *et* e tem função agregadora: algo também inexistente no português. Tal evidência demonstra um traço mais sintético do latim, ao passo que o português se evidencia como mais analítico.

Nos v. 64-65 é possível, ainda, percebermos o uso de outra estrutura:



Aqui, vemos o emprego da forma *Cretae veniemus Oaxen*. Tal estrutura demarca, tacitamente, a direção para a qual vão as personagens. É dizer: eles saem de Creta em direção a Oaxis. As desinências *-ae* ao final do lugar de origem junto à forma *-en* são suficientes para tanto, também dispensando o emprego de preposições.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de conclusão, podemos destacar ~~que~~ alguns elementos-chave aqui observados, a citar:

- A natureza mais sintética do latim frente ao português;
- A estrutura flexional da língua latina permite maior liberdade criativa no poema, manifesta pelas múltiplas organizações da ordem frasal; algo que o português não consegue realizar em virtude da perda dos casos;

- A demarcação dos casos permite ao latim evidenciar aspectos meramente por suas declinações, ao passo que o português demanda diferentes recursos coesivos para operar tais relações.

Enfim, salientamos também que o latim tem recebido olhares investigativos que, por muita vez, se fixam apenas em sua gramaticidade, olvidando o fato de que esse, ainda que hoje se encontre morto, teve seu período de vida ativa e deixou muitas produções relevantes para o presente. Assim, análises mais contemporâneas e revisitas aos estudos de semelhante língua são necessárias para o progresso científico da linguística.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Latina**. 29ª ed., 5ª tiragem. Saraiva, São Paulo, 2005.

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos**. Recife: Editora Universitária UFPE/FUNDAJ/Massangana, 1994.

ANDRADE, Elias Alves de. Cotejo de Manuscritos do Século XIX. **CALIGRAMA**, Belo Horizonte, v. 15, n. 12, p. 161-187, 2010.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica: história externa das línguas**. V.1, Editora da USP, São Paulo, 2001.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013. 8

DALLA PRIA, Albano. Tipologia lingüística línguas analíticas e línguas sintéticas. **SOLETRAS**, Ano VI, N° 11. São Gonçalo: UERJ, jan./jun.2006. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4652>. Acesso em: 09 de abr. 2023.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**, uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Editora Ática., 1998.

FERREIRA, Renan Castro; MOZZILO, Isabella. Transferência conceitual: o relativismo lingüístico na aprendizagem de segunda língua. **Alfa**, São Paulo, v.65, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/F96gc7XKpPMr6JG3tYscRGQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09 de abr. 2023.

GAZZIERO TOMAZI, Thaisa Maria. **Um estudo filológico e linguístico em manuscritos mato-grossenses: a Mesa da Consciência e Ordens e o Cofre das Três Chaves (1769-1772)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso UFMT, 2022.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. Trad. da 10<sup>a</sup> ed. corrigida. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HUMBOLDT, Wilhelm Karl von. **Sobre el origen de las formas gramaticales y sobre su influencia en el desarrollo de las ideas** – Carta a M. Abel Rémusat sobre la naturaleza de las formas gramaticales en general y sobre el genio de la lengua china en particular. Barcelona: Anagrama, 1972. Traducción de Carmen Artal.

JARVIS, Scott; PAVLENKO, Aneta. **Crosslinguistic influence in language and cognition**. New York: Routledge, 2010.

LEITE, Camila Viais. **Estudo filológico de manuscritos matogrossenses dos séculos XVIII e XIX: Real Forte Príncipe da Beira**. Dissertação (mestrado). UFMT-Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Cuiabá, 2022.

LIMA, Carolina Akiê Ochiai Seixas. **Commentarium in Apocalipsin (1047) do Beato de Liébana: a história de um Códice e a fortuna política do surgimento de um manuscrito**. p.474. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018a.

LIMA, C. A. O. S. O sistema de pontuação e abreviaturas no latim eclesiástico do século XI. **Polifonia**, [S. l.], v. 25, n. 38.2, p. 322-334, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/7286>. Acesso em: 09 de abr. 2023.

SAPIR, Edward. **A linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1980

SAPIR, Edward. **A Linguagem: Introdução ao estudo da fala**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1954.

SAPIR, Edward. **The status of linguistics as a science**. *Language*. Washington, v. 5, p. 207-214, 1929.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo, Cultrix. 2012.

SOUZA, Erick France Meire. **As bucólicas de Públio Virgílio Maro: tradução e estudo à luz de aparato etimológico e de simbologia da flora**. (Tese de Doutorado). UFPB. João Pessoa, 2019. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19497/1/ErickFranceMeiraDeSouza\\_Tese.pdf](https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19497/1/ErickFranceMeiraDeSouza_Tese.pdf). Acesso em: 11 de mar. 2023.

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica: crítica textual**. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

VIRGILIUS. Ed. BURMANNUS, Petrus. **Bvcolica, Georgica et Aeneis**. Glasguae: in aedibus academicis, excudebat andreas foulis, academiae typographus. M.DCC.LXXXIV.

Glasguae, 1784. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=BDjInACvcq8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=BDjInACvcq8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 09 de abr. 2023.

WHORF, Benjamin Lee. **Language, thought, and reality**. Cambridge, Mass.: MIT Press. 30<sup>a</sup> Ed., 1978.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**; Tradução, apresentação e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. 2<sup>a</sup> edição (bilíngüe) revista e ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

---

Recebido para publicação em maio de 2023

Aceito para publicação em julho de 2023